



## **A homofobia na escola e as consequências psicossociais**

**Herbert César de Moura  
Maria de Fátima Barbosa Emérito**

**Resumo:** As discussões acerca do papel da escola no que diz respeito à sexualidade de seus alunos tem sido objeto de debate crescente nas últimas décadas no Brasil e no mundo. As instituições escolares brasileiras são constantemente apontadas por estudiosos do campo da sexualidade, como um ambiente reprodutor de visões heteronormativas, em que predomina a ideia de que a heterossexualidade é a única forma “normal” de vivenciar a sexualidade humana; com isso as escolas negam e excluem outras formas de expressão da sexualidade, como a homoafetividade, e reforçam preconceitos homofóbicos contra alunos de orientações sexuais diferentes da heterossexualidade. O presente estudo trata mais precisamente de investigar, através de uma revisão bibliográfica, os referenciais teóricos predominantes nas pesquisas voltadas para homofobia nas escolas brasileiras, enfocando as consequências psicossociais que acometem as vítimas de homofobia no âmbito escolar. A revisão bibliográfica indicou que a sociedade brasileira vive uma realidade de preconceito e violência contra os homoafetivos e que essa realidade também é flagrante no ambiente escolar, sendo que as escolas de modo geral criam e reproduzem discursos heteronormativos e homofóbicos, furtando-se ao debate sobre a diversidade sexual e a implementação de políticas voltadas à educação sexual para diversidade. Conclui-se ainda que a homofobia sofrida por alunos

---

<sup>1</sup>Graduando de Psicologia da Faculdade Santo Agostinho.

<sup>2</sup>Psicóloga e docente da Faculdade Santo Agostinho.



homoafetivos na escola reflete na saúde psíquica e social dos estudantes, levando-os a terem dificuldades no processo de aprendizagem, baixos rendimentos escolares, evasão escolar, sofrimento psicológico, dificuldades de interação social e nas relações interpessoais, sendo que em casos mais graves a homofobia na escola pode levar ao suicídio.

**Palavras-chave:** Escola. Heteronormatividade. Homofobia. Consequências psicossociais.

## 1. Introdução

As discussões acerca do papel da escola no que diz respeito à sexualidade de seus alunos tem sido objeto de debate crescente nas últimas décadas no Brasil e no mundo. As instituições escolares brasileiras são constantemente apontadas por estudiosos do campo da sexualidade, como um ambiente reprodutor de visões heteronormativas, em que predomina a idéia de que a heterossexualidade é a única forma “normal” de vivenciar a sexualidade humana (LOURO, 1999). A escola é segundo Madureira e Branco (2007), um espaço determinante na construção de valores, conhecimentos e comportamentos dos seus alunos. Ela junto com outras instâncias sociais tem importante papel na construção da subjetividade e das relações sociais desses sujeitos, podendo influenciar na criação e reprodução de preconceitos.

A história mostra que ao longo das décadas e séculos as relações entre pessoas do mesmo sexo foram descritas através de diversas nomenclaturas. Em tempos mais longínquos chamava-se “sodomia” as relações entre iguais e seguiu-se a expressão “homossexualismo”, que foi afastada por significar “desvio ou transtorno sexual”. O sufixo “ismo” utilizado para identificar doença foi substituído por “dade”, que quer dizer “um modo de ser”. Assim, surgiu a palavra homossexualidade, que, na Classificação Mundial das Doenças – CID passou a denominar “transtorno da preferência sexual” (DIAS, 2000).

Já no fim do século XX, Jurandir Freire Costa (1999) denuncia a conotação pejorativa de tais expressões e introduz o vocábulo “homoerotismo”, pretendendo valorizar as experiências afetivo-sexuais. Com essa mesma intenção, mas buscando subtrair o teor sexual dos relacionamentos interpessoais, Maria Berenice Dias (2000), cria o neologismo homoafetividade, para realçar que o



aspecto relevante dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo não é somente de ordem sexual, mas também o amor, afeto, companheirismo entre outros, pois o afeto independe do sexo do par. Outro termo utilizado, dessa vez pelo antropólogo Luis Mott (2000) é “amantes do mesmo sexo”.

Nota-se que há vários termos usados para definir a “atração” entre pessoas do mesmo sexo. Alguns são tidos como pejorativos, outros não, mas percebe-se que, ao longo dos anos, com o crescimento do número de estudos publicados na área houve um esforço dos autores em se referir às relações entre pessoas do mesmo sexo de uma forma que não seja preconceituosa. O termo utilizado no decorrer dessa pesquisa será “homoafetividade”, o mesmo criado por Maria Berenice Dias (2000), por acreditar-se que tal nomenclatura rompe com a conotação pejorativa e exclusivamente sexual das expressões utilizadas anteriormente como homossexualismo e homossexualidade.

De acordo com algumas pesquisas sobre as relações homoafetivas, como o Relatório Kinsey, constata-se que aproximadamente 10% da população ocidental são predominante ou exclusivamente constituídas de homoafetivos. Estima-se que o Brasil possua por volta de 19 milhões de homoafetivos. O mesmo relatório afirma que, nos Estados Unidos da América, 37% dos homens e 13% das mulheres já tiveram pelo menos uma relação sexual homoafetiva em suas vidas. Acredita-se que, em média, 10 a 15% dos homens e 2 a 5% das mulheres sejam homoafetivos (MOTT, 2000).

Mesmo diante do aumento das pesquisas científicas e com isso, a comprovação da existência real das relações entre pessoas do mesmo sexo, ainda existe muito preconceito contra essa parcela da população. Pesquisas revelam que uma significativa parte da sociedade brasileira considera normal o preconceito contra homoafetivos. Sendo que, de todas as “minorias sociais” do Brasil, os homoafetivos são os mais vítimas por crimes relacionados ao preconceito como a discriminação, agressão física e o homicídio (MOTT, 2000).

O presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a homofobia na escola, buscando mostrar de que forma ela é expressa no ambiente escolar e quais membros da comunidade escolar manifestam mais atitudes homofóbicas. Enfatizou-se também como a escola contribui para existência de tal prática e quais as conseqüências psicossociais para a vida dos alunos que são vítimas da homofobia.

O interesse pelo tema foi instigado pelas discussões, a cerca da homoafetividade e da homofobia, que ocorrem há algumas décadas nos diversos



campos do conhecimento científico e social brasileiro. Este interesse foi ainda mais estimulado pela leitura do estudo sobre “Juventude e Sexualidade” realizado pela UNESCO em 2004 em 13 capitais brasileiras e o Distrito Federal, e posteriormente publicado como artigo por Miriam Abramovay. Nele são abordadas várias questões a respeito da sexualidade dos jovens, entre elas como se dão as relações entre jovens heterossexuais e homoafetivos no ambiente escolar e as opiniões de pais e professores a respeito da presença de alunos homoafetivos nas escolas.

Homofobia é um termo criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, e utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homoafetivos, seja de forma direta ou de formas sutis e silenciosas (MOTT, 2000).

## **2. Homofobia nas escolas brasileiras**

Pettigrew e Meertens apud Fleury e Torres (2007) explicam que o preconceito contra homoafetivos, geralmente, é expresso de duas formas: o flagrante e o sutil. O flagrante é a forma mais tradicional de expressão do preconceito, é mais direta e aberta, sendo expressa principalmente, através da violência física e verbal. Já o sutil é a forma de preconceito mais contemporânea, pois é discreta, fria e indireta; é expressa, principalmente, através da exclusão e rejeição ao homoafetivo. No Brasil, podem-se observar as duas formas de preconceito, tanto a flagrante como a sutil.

Segundo Lacerda, Pereira e Camilo (2002), o preconceito contra homoafetivos são construções sócio-históricas e provém das representações sociais que as pessoas têm feito da homoafetividade. A teoria das representações sociais estuda como as teorias religiosas, filosóficas e científicas são transformadas em visões do senso comum que contribuem para o aumento do preconceito contra homoafetivos.

O preconceito contra homoafetivos é, muitas vezes, pautado em valores morais e de cunho religioso, como constata uma pesquisa realizada em 2002 pelo ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) em que a maioria dos entrevistados que declara ter uma religião, sejam católicos, evangélicos pentecostais ou não-pentecostais, não desejam que a homoafetividade seja propagada como algo comum e ainda apontam a homoafetividade como um desvio de comportamento ou como um problema. A mesma pesquisa comprova que a maioria dos católicos e evangélicos pentecostais condenam a homoafetividade, e ainda responsabilizam os homoafetivos pelo surgimento de doenças como a AIDS, a qual seria um castigo de Deus contra as relações homoafetivas (NISHIMURA, 2004).



Garcia (2009) revela que a realidade de violência e discriminação vivenciada pelos homoafetivos também acontece dentro das escolas, tanto na forma do preconceito flagrante, através das violências físicas e verbais praticadas principalmente por colegas de sala, como na forma do preconceito sutil. Sendo que esse último é praticado inclusive pelo corpo docente da escola através, principalmente, das piadas homofóbicas.

Segundo Junqueira (2009), a homofobia na escola tem sido uma constante na vida de alunos homoafetivos, através de ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com o que Junqueira (2009) chama de “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes. A esse respeito, Denilson Lopes (2003) apud Junqueira (2009) observa que um garoto pode ser objeto de escárnio por parte de colegas e professores antes mesmo de identificar-se como homoafetivo. Em tal caso, tenderá a ser alvo de zombaria, comentários e outras variadas formas de assédio e violência ao longo de sua vida escolar.

Para Louro (1999), na escola, seja de forma explícita ou privada, é exercida uma pedagogia da sexualidade, na qual se legitima determinadas identidades e práticas sexuais e se exclui e marginaliza outras. Uma prática de exclusão e marginalização promovida ao longo dos anos pelas escolas tem sido o seu posicionamento heteronormativo: é veiculada a ideia de que heterossexualidade é a única forma “normal” de vivenciar a sexualidade humana, desconhecendo e excluindo outros modos de ser, como a homoafetividade. Para Altmann (2003), a visão dominante sobre o corpo como reprodutivo nos discursos escolares contribui para essa heteronormatividade, já que pressupõe a “naturalidade” de um relacionamento sexual sempre entre pessoas de sexos diferentes e para reprodução.

O processo da heteronormatividade é mais uma estratégia para manter os privilégios e o status de normalidade da heterossexualidade, sendo que a escola é um instrumento de reprodução desse processo, como também o faz a igreja e a família entre outras instâncias sociais, sempre reafirmando que só há possibilidade dos seres humanos nascerem macho ou fêmea. Isso leva o indivíduo a enquadrar-se em dois gêneros possíveis, masculino ou feminino, e invariavelmente conduz a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito do sexo/gênero oposto (LOURO, 2009).

Apoiados pela heteronormatividade, o processo de construção dos sujeitos heterossexuais se faz acompanhado pela rejeição à homoafetividade expressa



através de atitudes e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos (LOURO, 1999). Para Abramovay, Castro e Silva (2004) a discriminação contra homoafetivos, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e ao sexismo, é não somente mais abertamente assumida, em particular por jovens alunos, mas também valorizada entre eles, o que sugere um padrão de masculinidade construído através de estereótipos e do medo de ser confundido com o homoafetivo.

Segundo Felipe e Bello (2009), desde a educação infantil, a escola já atua no sentido de propagar a ideia da heteronormatividade. Os autores relatam que em suas pesquisas em escolas de educação infantil foi observado que muitos professores atuam como verdadeiros vigilantes da sexualidade. Alguns criam estratégias sutis para garantir que as brincadeiras e brinquedos sejam utilizados de forma a garantir as normas sociais de gênero: meninos devem gostar de determinadas brincadeiras e meninas de outras. Quando um menino é visto brincando com uma boneca, que é considerada por nossa cultura como um brinquedo feminino, é comumente repreendido e orientado pelo professor a ir brincar com “brinquedos de meninos”, como também são repreendidos meninos que expressam carinhos explícitos em relação a outros meninos como beijar no rosto ou andar de mãos dadas.

Felipe e Bello (2009) ainda denunciam que é através da violência e da pressão psicológica que se tem forjado o menino e a menina que se deseja, e que a escola participa desses atos de violência através da persuasão e do constrangimento na vigilância pela sexualidade desejada. Essa vigilância externa sobre a criança só cessa quando ela mesma passa a se auto-vigiar para que não fuja da norma heterossexual.

Assim, a escola cria e reproduz uma homofobia compartilhada com a família e outras instâncias sociais, tornando-se normal a expressão de uma certa ojeriza às formas de sexualidade que não se enquadram na heterossexualidade normativa. Percebe-se ainda que essa homofobia praticada e ensinada na escola pode ser um reflexo da homofobia existente na sociedade em geral, no entanto a gravidade da homofobia na escola se dá pelo fato dessa ser uma instituição formadora de opiniões. A esse respeito Junqueira (2009) diz que, ao ser reproduzida e ensinada nas escolas a homofobia ganha contornos institucionais.

Peres (2009), em seu trabalho intitulado *Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira*, mostra através de importantes relatos colhidos em suas pesquisas com travestis e transexuais sobre



a vivência escolar desses atores como se dá a violência no ambiente escolar em nome da sexualidade socialmente aceita e desejada.

O primeiro relato a ser exposto é de Luciana, transexual gaúcha de 28 anos, que fala a Peres (2009) sobre suas experiências e lembranças da escola:

Da escola, eu lembro das torturas. Torturas que estavam presentes nos olhares e nos risos que iam desde a servente e a merendeira, passando pelos professores e a diretora, até os colegas de sala e de recreio. Mas o pior mesmo era um guri da minha idade que me perseguia o tempo todo, que me falava grosserias: “Seu viado, vê se cria jeito de homem, seu safado, quando a gente te pegar você vai ver só, você vai aprender a virar homem, vai aprender a parar de ficar com essa mãozinha se requebrando”. Quando eu via aquele guri, eu entrava em pânico e pensava: “Meu Deus, lá vem aquele Hitler de novo?”. Enquanto ficava nas ameaças eu agüentava, mas o pior foi quando, ao sair da escola, eu levei uma chuva de pedradas que me machucaram muito e tive que fazer vários curativos. Mesmo assim, eu ainda agüentei muito até terminar a oitava série. Depois disso, nunca mais quis saber de escola (PERES, 2009, p. 252).

No segundo relato temos a fala de Lara, uma travesti de 38 anos, que expressa a Peres (2009) os traumas e abusos sofridos na época da escola:

[...] isso, eu devia ter uns oito anos de idade. [...] Tinha um menino que sempre se aproximava de mim, era maior do que eu e mais velho também, porque ele já estava na quarta série. No recreio, ele vinha me chamar para ver figurinhas, mas sempre me puxava para o fundo da escola, onde quase ninguém ia. Havia um servente que cuidava, mas sempre dava uma risadinha e fazia de conta que nada estava acontecendo. Aí, uma vez, ele me levou lá no fundo e não tinha ninguém. Aí, ele foi pegando na minha mão e falando que eu tinha que pegar no pênis dele, e que se eu não pegasse ele ia contar para todo mundo que eu era mulherzinha. Eu não entendia o que ele falava porque eu era uma criança muito pura e fiquei meio paralisada. Aí ele tirou o pênis para fora e disse: “eu vou comer o seu cu!”. Eu saí correndo, assustada e sem saber o que fazer. Fui até o banheiro e me tranquei lá,



chorando muito. Eu tomei um pânico e um pavor naquela referência que me traumatizou por muito tempo. Tanto que só vim a ter um contato sexual com outra pessoa quando já estava com 18 anos, quando ia começar um curso de italiano, na rua do Catete, em uma escola estadual que aceitava pessoas da comunidade. Fiz minha inscrição e comecei o curso de italiano. Estava muito feliz porque eu sou descendente de italianos e tinha a chance de ter cidadania italiana. E já pensou eu poder ir morar na Itália? Seria um luxo! Mas, como se diz, alegria de pobre dura pouco. Logo na segunda semana, quando cheguei na escola, uma funcionária que estava na porta disse que eu deveria esperar ali na entrada que a diretora queria falar comigo. Fiquei ali por meia hora e só depois a funcionária me levou até a diretora, que estava no computador e nem me olhou na cara, dizendo: “Então você resolveu se sentir gente? Com a vida que você leva, você acha que pode freqüentar lugares de gente de bem? Mas você é muito atrevido mesmo, você quer desmoralizar a minha escola? Você quer sujar o nome da escola? Saia imediatamente daqui ou terei que chamar a polícia! (PERES, 2009, p. 247-248).

Segundo Peres (2009), Lara relata que após a experiência com a diretora ficou paralisada, quase sem conseguir andar, e ao chegar em casa teve uma crise de choro intensa e pensamentos suicidas. A partir daí caiu em tristeza profunda e foi diagnosticada com depressão, foi hospitalizada e lá ficou por alguns meses. Mesmo tendo se passado muitos anos, Lara ainda lembra de vez em quando das palavras da diretora e tem muitas dificuldades em estar entre pessoas desconhecidas.

Para ilustrar melhor as afirmações feitas até aqui, é importante citar a extensa pesquisa desenvolvida pela UNESCO em escolas Brasileiras em 2004 e publicada por Abramovay, Castro e Silva (2004), onde se constatou uma forte rejeição à homoafetividade nas escolas em todo o país.

Na referida pesquisa da UNESCO, quando perguntado aos alunos das escolas brasileiras quais pessoas eles não gostariam de ter como colega em sala de aula, cerca de 1/4 dos alunos que participaram da pesquisa em 13 capitais brasileiras e o Distrito Federal responderam que não gostariam de ter homoafetivos como colegas de sala. Segundo o mesmo relatório da UNESCO, 88% dos jovens





entrevistados em Brasília consideram normal humilhar gays e travestis, 28,2% não querem ter homoafetivos como colegas de classe e 24,6% dos pais e mães dos alunos não gostariam que seus filhos tivessem homoafetivos como colegas de classe. Em Fortaleza, os dados são ainda mais expressivos 30,6% dos alunos entrevistados não gostariam de ter homoafetivos como colegas de sala e 47,5% dos pais não gostariam que seus filhos tivessem homoafetivos como colegas de sala. Também merecem destaque na pesquisa, os números relacionados ao corpo técnico-pedagógico das escolas: onde 6,0% dos professores entrevistados em Brasília e 5,9% dos entrevistados em Fortaleza não gostariam de ter homoafetivos como alunos (ABRAMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004).

O preconceito contra os homoafetivos nas escolas é mais expressivo e flagrante por parte dos indivíduos do sexo masculino, segundo os dados da UNESCO. Em Vitória, 44,9% dos jovens entrevistados do sexo masculino não gostariam de ter colegas de sala homoafetivos e, em Maceió, esse número é de 44%. Entre as jovens do sexo feminino 13,1% dos entrevistados de Vitória e 16,4% das de Maceió não gostariam de estudar com homoafetivos (ABRAMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004).

Os dados publicados por Abramovay, Castro e Silva (2004) revelam que ainda há uma parcela significativa da comunidade escolar que não gostaria de ter alunos homoafetivos no mesmo ambiente escolar que frequentam. Outra constatação ainda mais grave é que alguns desses entrevistados acreditam que a orientação sexual dessas pessoas justifica a existência de agressão verbal, violência física e psicológica.

Um instrumento que poderia combater as manifestações de violência contra homoafetivos nas escolas são os programas de educação sexual na escola, principalmente, os de políticas de educação voltadas para o respeito: à diversidade e à livre orientação sexual. No entanto, a esse respeito, Louro (2000) relata que, no Brasil além de serem raros os programas de educação sexual nas escolas, Há um reforço à produção de masculinidades e feminilidades não-transgressivas dos catálogos identitários reconhecidos socialmente, pressupondo a heterossexualidade como norma, a ponto de tudo aquilo que estiver fora dela ser tratado com desviante. Ou seja, até mesmo os programas de educação sexual na escola reproduzem o processo da heteronormatividade. Assim sendo, adolescentes e jovens que são identificados e/ou se identificam como homoafetivos são quase sempre marginalizados em sala de aula. Por esse motivo, as escolas são vistas com frequência como locais inseguros para pessoas com essas características.



## **Consequências psicossociais**

Vários fatores ao longo da história da humanidade vem provocando sofrimento psicológico e dificuldades nas relações sociais dos homoafetivos. Um deles é o fato de serem tratados como pessoas doentes, com isso, excluídas da sociedade, sendo que até mesmo a psicologia e a medicina já consideraram as relações amorosas entre iguais como um distúrbio psicológico (MOTT, 2000).

Honorato (2009) afirma que o preconceito por parte da sociedade contra os homoafetivos provoca-lhes um grande sofrimento psíquico, pois estes se vêem em um conflito entre os seus sentimentos e desejos e os valores e normas impostos pela sociedade no que diz respeito à sexualidade. Tal sofrimento não está no fato de ser homoafetivo, mas sim nas consequências que o preconceito traz para a vida dessas pessoas e no medo de ser rejeitado pela família e pela sociedade em geral. Observa-se que esse sofrimento psicológico é causado pelo preconceito e pela rejeição a que é submetido o homoafetivo nos seus meios sociais.

Uma das consequências mais negativas do preconceito social vivenciado pelo homoafetivo é a homofobia internalizada, que é a internalização, pelo próprio indivíduo homoafetivo, das atitudes e conceitos negativos que a sociedade tem a respeito da homoafetividade e do homoafetivo e a incorporação desses sentimentos negativos na sua auto-imagem, no que resultará uma hostilidade face à sua orientação sexual, conflitos internos e pouca auto-estima. Essa homofobia internalizada leva o indivíduo a viver numa espécie de vácuo identitário e sob efeito perverso da alienação, incapaz de ações afirmativas em defesa dos seus desejos e sentimentos homoafetivos (HEREK, 1998).

A existência do preconceito implica ainda uma vulnerabilidade dos sujeitos que se identificam como homoafetivos, dificultando, assim, que tais sujeitos assumam a sua escolha homoafetiva em certos meios sociais. Esse preconceito sustenta a existência de locais próprios para a convivência de homoafetivos, já que eles representam o diferente em relação à orientação sexual dominante, permanecendo, então, à margem da sociedade (MANTEGA, 1979).

O sofrimento vivenciado pelos homoafetivos, como consequência do preconceito exercido pela sociedade e do medo de ser rejeitado, pode trazer uma série de danos a suas vidas, como depressão, isolamento social e emocional, evasão escolar, uso de drogas e álcool, transtornos alimentares, conflitos familiares, fuga de casa entre outros transtornos psicológicos. Nos casos mais



graves pode levar ao suicídio, como mostra uma pesquisa feita também nos Estados Unidos onde 16% dos homens e 20% das mulheres entrevistados tentaram cometer suicídio pelo menos uma vez e deram quatro motivos principais: sentia-se isolado e só queria escapar de uma situação de vida insuportável, não conseguia imaginar um futuro pela dificuldade de aceitar-se como gay/lésbica (DANGELLI E HERSHBERGER, 1993).

No que diz respeito às consequências da homofobia na escola, os relatos expostos no tópico anterior desse trabalho e colhidos por Peres (2009), sobre as vivências de alunos homoafetivos na escola, mostram como o preconceito homofóbico na escola contribui para a marginalização e exclusão, bem como para produção de traumas e sofrimentos psicológicos em sujeitos que, de alguma forma, fogem às normas sexuais impostas pela sociedade. Peres (2009) afirma, inclusive, que a homofobia na escola é um dos motivos que levam jovens travestis a se prostituírem, já que a eles é negado o direito à educação, seja através da expulsão direta da escola por motivos homofóbicos ou da discriminação tão violenta que os leva a desistirem das atividades escolares.

Segundo Madureira e Branco (2007), o preconceito na escola traz implicações no plano das interações sociais e no plano subjetivo, na forma como o sujeito vivencia - em termos cognitivos e afetivos, as suas experiências cotidianas, organiza a sua compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo social em que está inserido. A homofobia na escola leva ao distanciamento do aluno homoafetivo de seu grupo social (alunos), interferindo, dessa maneira, nos processos de interação tão necessários para a construção da subjetividade.

A esse respeito Ribeiro e Francino (2008) relata que as relações conflituosas no contexto escolar influenciam no comportamento do aluno vítima de homofobia, podendo causar dificuldades no processo de aprendizagem e baixo rendimento escolar. Ainda segundo a referida autora, também se tem conhecimento da evasão escolar provocada pela homofobia e de casos extremos de rejeição que acabaram em suicídio de alunos que foram pegos ou denunciados pelos colegas como homoafetivos.

### **Considerações finais**

O trabalho alcançou os objetivos propostos, realizando através de um levantamento bibliográfico, informações e dados científicos acerca da homofobia nas escolas. Também, de acordo com os objetivos propostos, investigaram as consequências psicológicas e sociais que se manifestam em sujeitos homoafetivos que são vítimas de preconceito.



É importante notar que, de acordo com as pesquisas feitas, identificou-se que as escolas brasileiras ainda guardam uma rejeição em relação à diversidade sexual, sendo que muitas vezes essas escolas reproduzem e criam preconceitos homofóbicos. Outro ponto observado na pesquisa é que a homofobia reproduzida e ensinada pelas escolas em conluio com outras instâncias sociais é uma tentativa de manter a heterossexualidade como norma. Ainda de acordo com a revisão bibliográfica, constatou-se que são raros os programas de educação sexual que mostram a sexualidade em suas variadas formas de ser.

Dessa forma, a escola nega o seu papel de formadora de opiniões pautadas na ciência e passa a atuar como vigilante da sexualidade socialmente desejada e reprodutora de opiniões e preconceitos de senso comum. Com isso, alunos que se identificam ou são identificados como homoafetivos são comumente discriminados, isolados e tratados como pessoas de moral desviante e doentes por uma parte significativa dos sujeitos que frequentam o ambiente escolar.

Faz-se necessário ressaltar que a maioria das pesquisas atuais científicas, médica, psicológica, sociológica e antropológica mostram que a homoafetividade é um comportamento normal dos seres humanos, como também já foi observado por cientistas, em muitas espécies animais. Nos humanos, a homoafetividade tem uma base biológica, social e cultural e está presente em praticamente todas as culturas conhecidas. Não há nenhuma prova crível de que a orientação sexual pode ou deve ser modificada, já que a ciência atual não trata a questão das relações homoafetivas, como doença ou distúrbio, sendo vetada a qualquer médico ou psicólogo a permissão para atender homoafetivos com o intuito de “curar”.

Conclui-se que a escola é mais um espaço social onde os sujeitos que têm uma orientação sexual diferente da heterossexualidade são discriminados e violentados das mais variadas formas. A escola é um ambiente estimulador e reprodutor de práticas homofóbicas. Concluí-se ainda que o preconceito vivenciado por sujeitos homoafetivos nos seus espaços sociais, em especial na escola que foi objeto desse estudo, é causador de um sofrimento psíquico, o que pode levar esses sujeitos a terem dificuldades nas suas relações sociais, a desenvolverem sérios transtornos psicológicos e, em casos mais graves, cometerem suicídio.

### Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.



ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, 2003.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homo erotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

DIAS, M. B. **União homossexual**: o preconceito e a Justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

D ANGELLI, A. R.; HERSHBERGER, S. L. **American Journal of Community Psychology**. Washington, DC: American Psychological Association, 1993.

FELIPE, J.; BELLO, A. T. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da educação Infantil. In: JUNQUEIRA, R.D (org). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia na escola, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. S. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. **Estudo de Psicologia**, Campinas, 2007.

GARCIA, M. R. V. Homofobia e Heterossexismo nas escolas: Discussão da produção científica no Brasil e no mundo. In: **Anais do IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL**, São Paulo, 2009.

HEREK, G. M. **Stigma and sexual orientation**: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998.

HONORATO, E. J. S, Para entender a homofobia como sintoma de grupo, por meio da sétima arte. **Ciência & Vida**, São Paulo: Escala, 2009.

JUNQUEIRA, R. D, Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia na escola, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Corpo, escola e identidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2000.



\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R.D (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola**, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

MADUREIRA, A. F. A.; BRANCO, A. U. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, Brasília, 2007.

MANTEGA, G. **Sexo e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MOTT, L. **Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. In: Grupo Gay da Bahia, Bahia, 2000.

NISHIMURA, K. M. **Conservadorismo social: opiniões e atitudes no contexto da eleição de 2002**. Campinas, 2004.

RIBEIRO, A. I. M.; FRANCINO, A. C. A Leitura que se Faz da Homossexualidade na Escola. In: **Anais do 16º COLE - CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL**, São Paulo, 2008.

PERES, W. S. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R.D (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola**, Brasília: Ministério da Educação, 2009.

## Abstract

The discussions on the role of the school in relation to the sexuality of its students, in recent decades, has been the subject of increasing debate in Brazil and worldwide. The Brazilian educational institutions are constantly pointed out by scholars in the field of sexuality, as propagators of the ideas of an heteronormative environment, dominated by the idea that heterosexuality is the only "normal" way to experience human sexuality. Therefore, the schools deny and exclude other forms of sexual expressions, such as homoaffectivity, and reinforce homophobic prejudices against students with different sexual orientations from the heterosexuality. This study intends to investigate, through a literature review, the theoretical works in the field of homophobia in Brazilian schools, focusing on the



psychosocial effects on victims of homophobia in schools. The literature review indicates that the society is living a reality of prejudice and violence against homosexual and this fact is also obvious in the school environment, where schools generally propagate heteronormative and homophobic discourses, excluding themselves of the debate about the sexual diversity and implementing policies on sex education for diversity. It is also concluded that the homophobia faced by homosexual students at schools reflects on their psychological and social health, leading them to have difficulties in learning, low-income school, , non-attendance to classes, psychological distress, impaired social interaction and interpersonal relationships. In more severe cases, homophobia at school can lead to suicide.

**Keywords:** School. Heteronormativity. Homophobia. Psychosocial Consequences.

